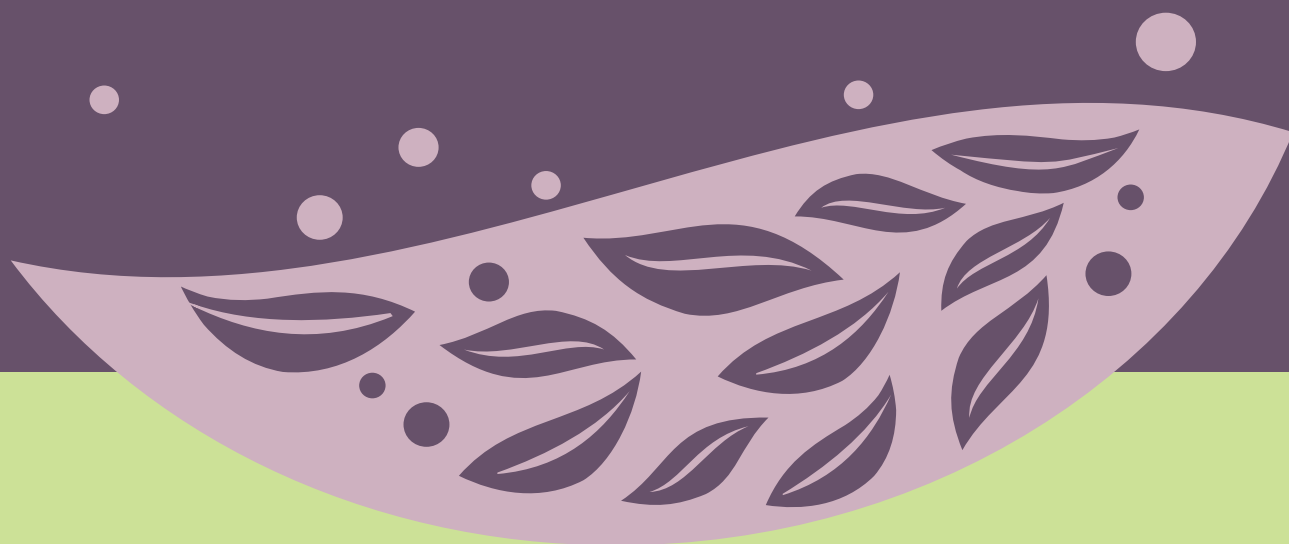


# VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM LINGUÍSTICA DA UNIFRAN **SELINFRAN**

ISBN: 978-85-60114-65-8

MESTRADO



# **VII SELINFRAN**

SEMINÁRIO DE PESQUISA  
EM LINGUÍSTICA DA UNIFRAN

## **TEXTO E DISCURSO: PERSPECTIVAS DE PESQUISAS**

**ANAIS**

18 a 20 de agosto de 2016

FRANCA - SP

ISBN: 978-85-60114-65-8



## O CONCEITO DE VAIDADE NO LIVRO DE ECLESIASTES: UMA ANÁLISE RETÓRICA

Márcia GRANERO PRADO (UNIFRAN)

Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)

### RESUMO

Desde os primórdios da humanidade e ao longo do percurso histórico do homem, muitos são os marcos de sua evolução. Dentre eles, a escrita tem papel fundamental, seja pelo acultramento do homem, seja pelo registro de suas atividades e descobertas. Assim, por meio do registro histórico do homem presente nas Sagradas Escrituras, é que tomaremos, como *corpus* de análise, o texto bíblico, especificamente o Livro de Eclesiastes. Esse livro, que faz parte dos livros poéticos e sapienciais do Antigo Testamento da Bíblia cristã e judaica, é composto por doze capítulos que abordam questões relacionadas à vaidade humana. O objetivo deste trabalho é verificar os valores e argumentos que circundam o conceito de “vaidade” dentro do livro selecionado.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Livro de Eclesiastes*; texto bíblico; conceito de vaidade; argumentação e retórica; tipos de argumentos.

### ABSTRACT

Since the dawn of humanity and throughout the history of man route, there are many milestones in its evolution. Among them, writing plays a key role, is the acculturation of man, is the record of their activities and findings. Thus, through the historical record of this man in the Holy Scriptures, it is that we will take as analysis corpus, the biblical text, specifically the Book of Ecclesiastes. This book, which is part of the poetic and wisdom books of the Old Testament of the Christian and Jewish Bible, is composed of twelve chapters that address issues related to human vanity. The aim of this study is to verify the values and arguments surrounding the concept of “vanity” within the selected book.

**KEYWORDS:** *Livro de Eclesiastes*; biblical text; concept of vanity; argumentation and rhetoric; types of arguments.

## Introdução

Desde os primórdios da humanidade e ao longo do percurso histórico do homem, muitos são os marcos de sua evolução. Dentre esses marcos, a interação humana por meio da linguagem e a escrita têm papel fundamental, seja pelo aculturação do homem, seja pelo registro de suas atividades e descobertas.

Considerando as formas de interação humana e a necessidade que o Homem possui de se fazer entender e também de convencer, podemos perceber que há uma ligação entre a história da Retórica e a própria história da humanidade.

A história oficial da retórica está localizada no século V antes de Cristo, na Magna Grécia em Siracusa, hoje Itália. A palavra Retórica (originária do grego *rhetoriké*, “arte da retórica”, substantivo *téchne*) recebeu acepções divergentes ao longo da história e, ainda hoje, abarca vários sentidos.

De acordo com o linguista Luiz Antonio Ferreira:

Somos todos seres retóricos. Por termos crenças, valores e opiniões, valemo-nos da palavra como um instrumento revelador de nossas impressões sobre o mundo, de nossos sentimentos, convicções, dúvidas, paixões e aspirações. Pelapalavra, tentamos influenciar as pessoas, orientar-lhes o pensamento, excitar ou acalmar as emoções para, enfim, guiar suas ações, casar interesses e estabelecer acordos que nos

permitam conviver em harmonia. (FERREIRA, 2010, p. 12)

Considerando, pois, o homem como um ser retórico, é que tomamos, como *corpus* da presente pesquisa, um de seus registros históricos: as Sagradas Escrituras. Assim, de posse do texto bíblico, selecionamos especificamente o Livro de Eclesiastes como objeto de análise. Esse livro, que faz parte dos livros poéticos e sapienciais do Antigo Testamento da Bíblia cristã e judaica, é composto por doze capítulos que abordam questões relacionadas à vaidade da vida humana.

Os livros da Bíblia foram escritos ao longo de um milênio e meio por diferentes regiões geográficas e em contextos culturais variados, resultantes da longa experiência religiosa dos judeus e dos primeiros cristãos. A Bíblia, independentemente do caráter sagrado, é uma coletânea de livros que englobam vários gêneros literários, como narrativas históricas, contos, provérbios, hinos, poesias, orações juntamente com outras modalidades retóricas, pois contempla vários ingredientes para uma boa literatura, como mistério, emoção, intriga, violência, sabedoria, dentre muitos outros.

O que diferencia a Bíblia de qualquer outra literatura antiga é que para milhares de cristãos, é uma obra que foi escrita sob a inspiração divina, e a mensagem que traz é destinada a toda a humanidade.

Os autores bíblicos viveram em lugares e em ambientes





muito diversos: cada um deles imprimiu na sua obra traços muito característicos de sua personalidade. Mas, como todos escreveram sob a inspiração do Espírito Santo, é Deus mesmo que deve ser tido como o autor primário de toda a Bíblia. (BÍBLIA SAGRADA AVE MARIA, 2005, p. 15).

A Bíblia, nas línguas em que foi originalmente escrita, foi preservada através de manuscritos que chegaram até nós e foram produzidos em várias épocas da história da humanidade. Graças às traduções, a Bíblia tem sido levada ao conhecimento de todo povo, independentemente da língua e cultura.

Nosso objetivo, então, é verificar os valores e argumentos que circundam o conceito de “ vaidade ” dentro do livro selecionado. Partimos do pressuposto de que vaidade, como característica constitutiva do psiquismo humano, é atemporal; por isso sempre se fez presente na história da humanidade e ainda se faz. Esse fato nos permite inferir que, apesar de o texto ter sido escrito há séculos, ele ainda é atual.

Por essa razão, acreditamos que sua análise nos levará a um melhor entendimento dos possíveis efeitos de sentidos produzidos pelo uso do termo “ vaidade ” na atualidade.

Para proceder à análise, adotaremos a teoria retórico-argumentativa no que concerne às reflexões e aos conceitos sistematizados por Aristóteles e disseminados e ampliados pelos

autores contemporâneos: Perelman e Olbrechts-Tyteca, Michel Meyer, Olivier Reboul, entre outros, como veremos no item que segue.

## Fundamentação teórica

Considerando como se fala e os impactos dessa fala, a Retórica se utiliza da linguagem do dia a dia para poder alcançar todos os públicos, porque não se dirige a um público específico, pois o importante é a persuasão que exerce sobre a tese apresentada.

Com vistas ao entendimento da história da Retórica e de suas definições desde os primórdios, neste trabalho, contaremos com as proposições teóricas advindas de Aristóteles, Reboul, Meyer, Perelman & Olbrechts-Tyteca, Tringali, dentre outros.

Aristóteles trouxe grandes contribuições para os estudos retóricos e para várias outras áreas do saber. O pensador advoga que a retórica se baseia no verossímil, sem jamais apresentar uma verdade única. Por meio dela, podem ser comparados diferentes modos de ver e compreender uma mesma questão. Por essa razão, para o filósofo, a Retórica constitui uma disciplina formal que pode ser utilizada em diversos campos do conhecimento.

Por essa razão, o filósofo buscou sistematizar os estudos retóricos disponíveis em seu tempo e os transformou num sistema. Uma das contribuições de sua sistematização

foi dividir o discurso retórico em quatro partes: Invenção, Disposição, Elocução e Ação.

- Invenção – é relativa aos tipos de argumentação (*ethos, pathos e logos*);
- Disposição – apoia-se nas paixões, nas verossimilhanças e nas evidências;
- Elocução – redação do discurso, ligada à retórica literária;
- Ação – ligada à memória, modo como o orador fala.

Nos dias atuais, encontramos em Reboul a seguinte definição para esse campo do conhecimento: a retórica é “a arte de bem falar, mostrar eloquência diante de um público para ganhá-lo para sua causa” (REBOUL, 2004, p. 17).

Assim, para a Retórica, o que importa é o que o discurso provoca no auditório, não havendo, necessariamente, um compromisso em elucidar a verdade. O importante é, pois, a conquista do auditório por meio da tese que lhe foi apresentada. Assim, a relevância está na eficiência do discurso apresentado.

Adilson Citelli, outro autor contemporâneo, corrobora essa tese ao afirmar:

A retórica não poderia ser uma ética, pois ela não entra no mérito daquilo que está sendo dito, mas, sim, no como aquilo que está sendo dito o é de modo eficiente. Eficácia implica, neste caso, domínio de processo, de formas,

instâncias, modo de argumentar. (CITELLI, 1999, p. 11)

Para lograr tal eficiência, uma das prerrogativas da retórica é a utilização de uma linguagem comum entre orador e auditório. Segundo Antônio Suárez Abreu, “Saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. É também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro da verdade do outro (ABREU, 2013, p. 10).

Por essa razão, “para conseguir persuasão, é necessário obter a adesão do auditório e estruturar o discurso em função dele. É também o auditório que condiciona o gênero oratório a ser adotado.” (FERREIRA, 2010, p. 146). É nesse sentido que alguns autores enfatizam que toda argumentação deve se dar de forma contextualizada e pessoal.

Para sumarmos nosso entendimento do que vem a ser a Retórica, retornemos à sua origem e vejamos as palavras do filósofo de Estagira:

Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. Esta não é seguramente a função de nenhuma outra arte; pois cada uma das outras é apenas instrutiva e persuasiva nas áreas da sua competência; como a medicina sobre a saúde e a doença, a geometria sobre as variações que afetam as grandezas, e a aritmética sobre os números; o mesmo se passando com





todas as outras artes e ciências. Mas a retórica parece ter, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada (ARISTÓTELES, 2015, p. 62).

Ainda que existam muitas definições para a retórica, vivemos e dependemos dela diariamente, como defende Tringali: “quer queira quer não, vivemos sob seu império. De tempos em tempos, anuncia-se sua morte, mas acontece que se anuncia sua morte quase sempre retoricamente.” (TRINGALI, 1988, p. 11).

Desde o surgimento da Retórica na idade média até os dias de hoje, houve grandes avanços, mas foi no século XX que diversos filósofos e estudiosos retomaram a Retórica como objeto de estudo.

Diante de tantos avanços tecnológicos do mundo globalizado e das rápidas mudanças, a Retórica surge com força e utilidade para intermediar o diálogo entre os povos.

Perelman e Olbrechts-Tyteca dedicam-se aos estudos retóricos como forma de persuasão. Para os autores, a retórica não se limita ao plano do discurso, mas deve ser estudada por meio da História, da Filosofia, do Direito e de tantas outras ciências que perpassam a argumentação. Assim, Perelman, filósofo do Direito, reabilitou a retórica de Aristóteles e a posicionou como “Teoria da Argumentação Persuasiva”, voltada

para o estudo da argumentação como processo persuasivo.

A Nova Retórica, tal como proposta no *Tratado da Argumentação*, de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, ajusta-se como uma nova forma de ver os argumentos e parte da lógica do razoável e do verossímil. Sendo revestida da retórica aristotélica, ela propõe uma nova metodologia de análise não só do discurso, mas do comportamento social da atualidade.

Neste trabalho, para procedermos à análise do *corpus* selecionado, adotaremos a teoria retórico-argumentativa no que se refere às reflexões e aos conceitos sistematizados por Aristóteles e disseminados e ampliados por autores contemporâneos, tais como Perelman e Olbrechts-Tyteca, Michel Meyer, Olivier Reboul, entre outros.

## Metodologia

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa compreendem: 1) um levantamento bibliográfico, seguido da leitura e do fichamento de obras de autores renomados no campo dos estudos retóricos, 2) levantamento bibliográfico acerca da Bíblia Cristã e Judaica, do Velho Testamento e, em especial, do Livro de Eclesiastes, com vistas à descrição do *corpus* e 3) análise qualitativa das estratégias retóricas no que concerne aos valores e aos argumentos que circundam o conceito de “vaidade” no *corpus* selecionado.



## Descrição e análise piloto do corpus

Foi muito comum que as autoridades cristãs tivessem algumas concepções doutrinárias diferentes sobre o mundo real e o mundo espiritual, mas observa-se a delimitação de um suposto pensamento correto dentro da cristandade. A partir daí, todos que não se enquadrassem nos padrões doutrinários estabelecidos passaram a ser denominados como hereges; termo que ganhou uma aceção negativa. Com isso, demonstra que no fim da antiguidade houve um problema na relação entre a retórica e a nova religião, o cristianismo e uma ruptura total com a cultura antiga, e assim os cristãos aceitaram a escola e a cultura romana que ele oferecia, mas foi a igreja católica que aderiu dessa cultura antiga, inclusive com a retórica.

Pois algumas igrejas rejeitavam os autores pagãos, sendo considerados como inúteis e perigosos, mas ao mesmo tempo não descartaram a língua e a retórica dos pagãos.

A Bíblia era um modelo, porém mais ainda: um problema. Com efeito, não bastava ser lida, precisava ser compreendida; e, para interpreta-la, nunca era demais utilizar todos os recursos da retórica. A hermenêutica, da Idade Média é toda alegórica: propõe que todo texto bíblico tem outro sentido além do literal (REBOUL, 2004, p. 78).

Esta pesquisa propõe, como já mencionado, o entendimento dos valores e argumentos que circundam

o conceito de “ vaidade ” no livro bíblico de Eclesiastes. Para isso, serão consideradas as origens, bem como o contexto histórico e religioso, do texto bíblico selecionado.

A escolha do livro de Eclesiastes foi motivada pela força da palavra “ vaidade ”, nele repetida 30 vezes. Esse livro foi escrito há tantos séculos e ainda retrata a força que a vaidade exerce sobre a organização psicossocial do ser humano. Esse seu caráter único e fascinante nos incitou a efetuar uma releitura à luz da pesquisa linguística, mais especificamente da retórica, com vistas a vislumbrar novas interpretações e descobertas.

O livro de Eclesiastes retrata uma época de transição, completamente desestruturada e frágil. O atual mundo “ globalizado ” também se mostra, muitas vezes, fragilizado e carente de soluções. Em função da velocidade dos acontecimentos, o ser humano seguidamente se prostra diante de ciclos de desespero, dúvida, desânimo, os quais, como na época do Eclesiastes, se repetem hoje.

Para Aristóteles, existem dois mundos. Primeiro, o mundo divino, o céu, não cognoscível pela fé, mas, ao contrário, pela razão demonstrativa. Esta conhece tanto o divino, invisível, Deus, quanto o divino visível, a saber, os astros, objeto da astronomia matemática, visto que seus movimentos são necessários, portanto calculáveis e previsíveis.

Abaixo, o mundo “ sublunar ”, a terra, onde existe acaso,







contingência, imprevisibilidade, onde nunca é possível a ciência perfeita, mas onde existe o provável, o verossímil. Mundo, enfim, aberto à ação humana. (REBOUL, 2004, p. 40)

Os discursos permeados de emoção são conduzidos por dois elementos, *ethos* e *pathos*, palavras de origem grega, o etos refere-se:

O caráter que o orador deve assumir para chamar a atenção e angariar a confiança do auditório, e por outro lado o patos, as tendências, os desejos, as emoções do auditório das quais o orador poderá tirar partido. (REBOUL, 2004, p. XVII)

Sabemos que a Bíblia é um livro cheio de histórias, ditos, relatos, provérbios, canções, hinos, parábolas, paradigmas, sentidos claros e obscuros, uma obra de arte em si, mas de difícil interpretação. A Bíblia Sagrada, que será utilizada na pesquisa, é a Bíblia de Jerusalém, uma edição brasileira de 1981, com revisão e atualização, na edição de 2002, da edição francesa *Bible de Jérusalem*, que é assim chamada por ser fruto de estudos feitos pela Escola Bíblica de Jerusalém, em francês, *École Biblique de Jérusalem*.

De acordo com a Editora Paulus, a edição é ampliada e inclui as mais recentes atribuições das ciências bíblicas. A tradução segue rigorosamente os originais, com a vantagem das introduções e notas científicas.

A Bíblia procura tomar o homem na sua relação com Deus, desde o início da criação até ao fim dos tempos. Essa “biblioteca” sempre teve importância ao longo dos tempos para o mundo judaico-cristão, pois revela personagens, culturas, linguagens, mentalidades e desvenda a terra onde se desenrolam as narrativas da salvação da humanidade.

De acordo com Figueiredo (2007), com base em Scliar (2005, p. 10),

A Bíblia é a compilação das Sagradas Escrituras (isto é, o conjunto dos livros sagrados dos cristãos e, parcialmente, dos judeus) e compreende o Antigo e o Novo Testamento. Dadas sua importância histórica e sua forma de divulgação, essa obra acabou por conquistar o *status* de maior *best-seller* de todos os tempos – foi traduzida em 2.167 idiomas e dialetos, teve edições que totalizaram mais de 2 bilhões de exemplares apenas no século XX, está ao alcance de 85% da humanidade e é lida há cerca de 3 mil anos. (FIGUEIREDO, 2007, p. 129)

O presente trabalho abordará um de seus livros, o Eclesiastes, escolhido em função dos argumentos aqui mencionados. Esse livro encontra-se no Velho Testamento e faz parte dos livros poéticos e sapienciais da Bíblia cristã e judaica.

Na sequência dos livros que compõem a Bíblia, Eclesiastes aparece depois do livro de Provérbios e antes de Cântico dos Cânticos. O significado do termo Eclesiastes,

embora seja considerado incerto, tem sido traduzido para o português como pregador ou preletor. Por várias razões, esse livro constitui um dos grandes desafios para os pesquisadores, pois apresenta ausência de autor(es), dúvidas sobre a época exata em que foi escrito e o uso diferenciado do hebraico.

De acordo com o levantamento bibliográfico efetuado, uma das hipóteses levantada é a de que Salomão seria o autor do livro de Eclesiastes. Salomão era filho de Davi, o mais rico, sábio e famoso rei que Israel teve (I Reis 4.21, 29-34). Seguindo essa linha de raciocínio, à autoria de Salomão são atribuídos o Cântico dos Cânticos, os Provérbios, o livro de Eclesiastes e os Salmos 72 e 127. Há relatos de que o Cântico dos Cânticos tenha sido escrito no tempo de sua mocidade, Provérbios, nos tempos de sua maturidade e Eclesiastes seriam as reflexões feitas em sua velhice.

Em confronto com a ideia apresentada, encontramos em outros estudos, a ideia de que a autoria atribuída a Salomão é apenas fictícia. Ademais, é vista como uma crítica aos tempos do rei, em que prevaleciam as injustiças sociais. Vejamos o que afirmam, por exemplo, Storniolo e Balancin (1991):

Na antiguidade, era mais honroso atribuir o próprio escrito a uma personagem famosa. Assim, o autor julgou por bem atribuir o seu livro ao rei Salomão (1,1), considerado por todos como

patrono da literatura sapiencial em Israel. Com essa atribuição fictícia, há outra intenção: fazer uma crítica severa, lembrando o tempo de Salomão, quando houve abundância para a classe governante à custa do trabalho e miséria do povo. A [mesma] situação repetia-se no tempo do autor. (STORNIOLO; BALANCIN, 1991, p. 7-8)

Para os referidos autores, há fortes indícios de que o livro em questão tenha sido escrito em meados do século III a.C., tempo bem longínquo da época em que viveu Salomão – século X a.C.

Corroboram esse raciocínio, os exegetas, tradutores da Bíblia de Jerusalém, que, na Introdução ao livro (p. 1165), comentam que a atribuição da autoria a Salomão “não passa de mera ficção literária do autor, que põe suas reflexões sob o patrocínio do mais ilustre dos sábios de Israel. A linguagem do livro e sua doutrina (...) impedem de situá-lo antes do Exílio”, que ocorreu cerca de seis séculos antes de Cristo.

Em Eclesiastes, a frase-tema é: “vaidade das vaidades, tudo é vaidade”. Por meio dela, o autor busca demonstrar a fragilidade da vida humana e dar lição de desapego dos bens terrestres e daquilo que, de acordo com sua visão de mundo, não tem sentido.

Nossa análise buscará também perscrutar o auditório para quem esse autor se dirigia. Para isso, dentre outras estratégias de





investigação, contaremos com a seguinte reflexão:

Há tantas paixões quantos auditórios, talvez mesmo julgamentos, com seus lugares-comuns, seus *topoi*. Ao homem impaciente se ministrará o *topos* segundo o qual tudo ocorre no momento oportuno para quem sabe esperar; ao homem agitado, o *topos* segundo o qual de nada vale correr etc. (MEYER, 2000, p. XXXVIII).

Assim, nossa investigação buscará delinear o tipo de homem para quem foi ministrado o *topos* “tudo é vaidade”. Ademais, considerando que um discurso só será persuasivo quando conseguir conquistar seu auditório por meio do equilíbrio entre a ordem racional e a ordem afetiva (REBOUL, 2004, p. XVII), observaremos o uso feito pelo orador dos recursos racionais e emocionais frente ao seu auditório com vistas a persuadi-lo.

Nesse sentido, acreditamos que a Retórica corroborará nossa interpretação do livro de Eclesiastes. Segundo Aristóteles, existe uma ligação entre a Retórica e a arte. Por meio dessa arte, os homens se comunicam entre si. Reboul, por sua vez, defende que a retórica “é a arte de persuadir pelo discurso [...] [, porém] não é aplicável a todos os discursos, mas somente àqueles que visam persuadir” (REBOUL, 2004, p. XIV). Como vimos, o *corpus* selecionado, dado seu caráter prementemente persuasivo, enquadra-se entre os

textos em que a retórica pode ser facilmente aplicada.

## Considerações finais

*“Vaidade das vaidades, diz o Eclesiastes, vaidade das vaidades! Tudo é vaidade.”*  
(Eclesiastes)

Como foi exposto, nossa análise do *Livro de Eclesiastes* pretende partir de uma observação da retórica e de seus argumentos e se aprofundar nos diversos temas do livro, em especial na palavra “vaidade”. Faremos uma leitura que considera as instâncias autor-texto-leitor, que em retórica constituem o tripé *ethos*, *pathos* e *logos*. Dessa maneira, acreditamos que o trabalho nos permitirá também efetuar uma reflexão comparativa sobre o uso da palavra “Vaidade” na atualidade.

Eclesiastes é um livro para pensar, concluir, analisar e responder; não é uma biografia, mas um sermão. Assim, nosso foco não será uma investigação acerca da autenticidade de sua autoria ou um entendimento profundo do público a que esse autor se dirigia, mas, sim, será uma tentativa de investigação das estratégias persuasivas presentes no texto com foco nos valores e argumentos que circundam, nele, o conceito de “vaidade”.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suarez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução do original em grego de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. (Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento, 1)
- BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulinas, 1985.
- FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FIGUEIREDO, M. F. (Publicado originalmente como BOLLELA, M. F. F. P.). A intertextualidade no texto bíblico. In: CARMELINO, A. C.; PERNAMBUCO, J.;
- FERREIRA, L. A. (Orgs.). *Nos caminhos do texto: atos de leitura*. Franca: Unifran, 2007. P. 129-146. (Coleção Mestrado em Linguística, 2)
- FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MEYER, M. Prefácio. In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio de Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.
- \_\_\_\_\_. *A retórica*. Tradução Marli M. Peres. São Paulo: Ática, 2007.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SCLIAR, M. O fascinante universo bíblico. *Biblioteca Entrelivros*. A Bíblia muito além da fé, a. 1, n. 2, 2005, p. 10-19.
- STORNILO, I.; BALANCIN, E. M. *Como ler o Livro do Eclesiastes: trabalho e felicidade*. São Paulo: Paulus, 1991.
- TRINGALI, D. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988.

